

FACULDADE DE CONCHAS- FACON

escavações para a voz

caça às bruxas, silenciamento e estratégias poéticas à resistência

Aluna: Aline de Cássia Silva Escobar Apparicio

A CASA TOMBADA  
São Paulo 2021

## Dedicatória

Que todas as mulheres possam caminhar sem medo de sustentar a própria voz na escuta com a existência. Através da ação povoada de alma, encontro e coração, na escuta, mais profunda floresta, apoiada por todas aquelas que vieram antes de nós.

## Resumo

Nessa escrita busco compreender o impacto que o extermínio da caça às bruxas, a captura e o disciplinamento dos corpos femininos, o apagamento dos saberes e formas de existir e a guerra contra as mulheres na construção da cultura capitalista teve na voz de nossas subjetividades.

Palavras chave: caça às bruxas/ misoginia/ disciplinamento dos corpos/ silenciamento das subjetividades/ escombros do capital

## Introdução

Nesse Trabalho de Conclusão de Curso da Pós-Graduação em Narração de Histórias no Contexto Urbano, surge uma escrita, um caminho, um estudo. Prática e jeito de estar/olhar no mundo. Através dessa narrativa alinhavo partes perdidas da minha história, torno corpos visíveis através de uma palavra artesã, palavra mulher, poeta, educadora, palavra bailarina, artista narradora, performer, escavadora e escritora, numa história das mulheres, da natureza silenciada.

Olho para as mulheres da minha família, toco meu cárcere e reconheço a herança de muitas outras, reconheço silenciamentos para desfazê-los com gestos que sustentam a voz em sua continuidade, me localizo na compreensão dum breve recorte da história das mulheres e a construção da misoginia, da guerra contra as mulheres na cultura ocidental através do surgimento da cultura capitalista com a perseguição das mulheres na caça às bruxas, responsável pelo genocídio das mulheres em aspectos literais e metafóricos, mas ambos atuantes na configuração, opressão e cercamento de seus corpos.

Reconheço caminhos para a voz com as linguagens vivas na história do meu corpo em devir escrita. Nessa escrita organizo tempos e arejo o olhar ao encontro possível com vozes que me levantam a seguir em firmeza e lucidez. Estimulada pela compreensão sistêmica do mundo, busco não separar partes e todo e arrisco aproximações entre gesto e conteúdos, corpo e memória, poesia e realidade, voz e pensamento, dança e escrita, narração histórica e vida. Um manto feito de caminhos e linguagens que me afetam e conduzem para algum fortalecimento e sustentação da voz. Essa escrita é uma denúncia ao projeto de disciplinamento do corpo e o quanto isso nos afeta até os dias atuais. Ao escolher agir na fissura entre arte e vida intento tornar visível o que é comum às mulheres na história do silenciamento e captura de seus corpos num recorte predominantemente europeu.

Minha escolha com o recorte da caça às bruxas se deu, por ser durante a preparação desse período histórico de perseguição e extermínio da vida, conectada a um jeito comunitário de viver, uma vida entrelaçada na escuta com a natureza, que aconteceu o cercamento da terra, a transição de uma vida comunal a uma vida entre propriedades, onde os servos e pequenos produtores foram reduzidos a assalariados, perdendo sua autonomia e meios de subsistência, onde o cercamento do corpo feminino, seu deslocamento para o espaço da casa, da maternidade e dos valores burgueses de feminilidade nos influenciam até os dias atuais.

Essa escrita é um começo, um manto de fortalecimento e proteção para a voz que tateia sentindo na história do corpo, para o gesto que transforma e liberta através da aprendizagem do encontro com uma narrativa ocultada e do entendimento do corpo no cotidiano. Através da denúncia dos projetos de violência da cultura machista contra os corpos femininos intento encontrar entendimento, respiração e sustentação com a potência da voz no mundo. Caminhar sob um céu de liberdade, onde o pensamento se fortalece na compreensão histórica para enfrentar os desafios, os machismos e as violências ainda vivas nas formas de interagir e decidir o que podem os corpos femininos.

O processo em si é o caminho, é o objetivo. Como arqueóloga, escavo parte das minhas origens, compreendo como a violência contra a mulher se naturalizou, tateio para reconhecer a colonização dos corpos, dos afetos, dos gestos, visito túmulos, toco em cacos e aparelhos de tortura, vestígios e restos históricos para ver o que ainda resta e segue vivo hoje na violação das subjetividades através das sentenças dadas às mulheres consideradas loucas e inadequadas, pois resistentes à obediência que o sistema capitalista de valores impunha e ainda impõe aos corpos.

## Rastros patriarcais e a caça às bruxas

Gerda Lerner historiadora e professora emérita de História na Universidade de Winsconsin, Madison (EUA), representou um papel fundamental no desenvolvimento do currículo de História da Mulher ministrado pela New School for Social Research em 1963. Em seu livro *A criação do Patriarcado, História da opressão das mulheres pelos homens*, nos introduz à lógica do patriarcado como mantenedor da dominação masculina, baseando-se em instituições como a família, as religiões, a escola e as leis. Ideologias que ensinam que as mulheres são inferiores aos homens.

Para Gerda, (Lerner, 1986 pp.41-64) ler e falar sobre o patriarcado é desnaturalizar a condição feminina das práticas do cuidado, do trabalho doméstico, da irracionalidade e da inferioridade.

Ainda hoje, muitas mulheres acreditam que precisam de um homem protetor para garantir suas existências, ligando a figura masculina como presença fundamental para que sua segurança e sentimento de dignidade sejam preservados.

Grande parte da história das mulheres é uma história de exclusão, de violência, apagamentos, desvalorizações e ataque contra seus corpos e conhecimentos.

A diferença biológica, por muito tempo foi considerada justa na distribuição das diferentes tarefas da divisão do trabalho. Quando o argumento religioso perdeu força no século XIX, a explicação da inferioridade das mulheres se tornou científica.

A teoria Darwinista que se organiza pela sobrevivência do mais forte perante o mais fraco, se utilizou da diferença biológica do homem da idade da pedra que saía para caçar, como superior, e desconsiderou a função que a mulher desempenhava, realizando atividades de coleta e caça de pequenos animais, garantindo o fornecimento dos principais alimentos.

Antropólogas feministas, revisando esses dados, contestaram a hierarquia entre as funções de homens e mulheres e perceberam que a atividade de caça de grandes animais feita pelo homem, era uma atividade auxiliar nas sociedades de caçadores-coletores. Relataram que a assimetria sexual não tinha nenhuma conotação de dominação e submissão. As tarefas realizadas eram vistas como complementares, sem hierarquias, indispensáveis para a sustentação e sobrevivência do grupo e o status entre os sexos era igual na maioria dos aspectos.

A explicação androcêntrica dos defensores científicos do patriarcado, considerava a função materna na vida das mulheres e a exclusão de oportunidades econômicas e educacionais como algo necessário à continuidade da nossa espécie, pois as sociedades não teriam chegado à modernidade sem que a maioria das mulheres tivessem se dedicado à criação dos filhos.

Temas como menstruação, menopausa e até gravidez eram vistos como debilitantes, doenças ou condições anormais, que incapacitavam as mulheres e as tornavam de fato inferiores.

Gerda se pergunta quando, como e por que a submissão feminina passou a existir? Busco responder essa pergunta com Silvia Feredici, italiana, escritora, professora e militante feminista, nos contextualizando no período da resistência camponesa das aldeias medievais no séc XI e XIII/ Feudalismo, quando a vida começava a ser comercializada havendo um êxodo do campo para as cidades pela insatisfação da vida em terras de senhores que exploravam seus trabalhadores cobrando diversos impostos e interferindo na relação com os recursos antes disponíveis e comunais, agora taxados e limitados pelos donos da terra.

No séc XIV, as mulheres estavam se tornando professoras escolares, bem como médicas e cirurgiãs e começavam a competir com os homens formados em universidades.

Em resposta à autonomia e independência feminina, vemos o começo de uma reação misógina, evidente nas sátiras de fabliaux, pequenas histórias satíricas e narrativas populares cômicas na literatura francesa da Idade Média.

Silvia Federici nos apresenta os movimentos heréticos, movimentos sociais de resistência às normas vigentes, formado pelo proletariado sem-terra que buscava de forma consciente e organizada difundir ideias para a criação de uma nova sociedade que aspirasse uma democratização radical da vida social, reinterpretando a tradição religiosa da época. Os hereges sofreram perseguições extremas, persistiram e tiveram papel fundamental na luta antifeudal. Eram queimados aos milhares na fogueira e para erradicar sua presença o papa criou a Santa Inquisição, uma das instituições mais perversas jamais conhecidas na história da repressão estatal.

“A heresia constituía tanto uma crítica às hierarquias sociais e à exploração econômica quanto uma denúncia da corrupção clerical. Silvia Federici pág. 73

As mulheres ocupavam um lugar importante nas seitas hereges. Eram consideradas iguais aos homens, tinham os mesmos direitos, podiam pregar, ministrar sacramentos, realizar batismos e até mesmo alcançar ordens sacerdotais. Mulheres e homens podiam compartilhar a mesma moradia mesmo sem estar casados, podiam formar suas próprias comunidades, como foi o caso das beguinas, mulheres laicas das classes médias urbanas que viviam juntas e mantinham seu trabalho fora do controle e da subordinação masculina. As mulheres trabalhavam como ferreiras, açougueiras, padeiras, candeieiras, chapeleiras, cervejeiras, cardadeiras de lã e comerciantes, participavam dos ofícios, associações que regulamentavam as profissões e o processo produtivo artesanal nas cidades.

No final do séc XV as autoridades municipais da França praticamente descriminalizaram o estupro nos casos em que as vítimas eram mulheres de classe baixa. Na Veneza do séc XIV mulheres proletárias solteiras eram frequentemente estupradas, e mesmo em casos de estupros grupais, o que era cada vez mais frequente, não havia nenhum tipo de punição aos estupradores.

“O estupro de mulheres pobres com consentimento estatal debilitou a solidariedade de classe que se havia alcançado na luta antifeudal.”

A legalização do estupro criou um clima extremamente misógino que degradou todas as mulheres qualquer que fosse a sua classe. Também insensibilizou a população frente a violência contra as mulheres, preparando o terreno para a caça às bruxas que começaria no mesmo período.

“Os primeiros julgamentos por bruxaria ocorreram no final do séc XIV; pela primeira vez, a Inquisição registrou a existência de uma heresia e de uma seita de adoradores do demônio completamente feminina.”

*Minha intenção é desenhar um percurso com os acontecimentos históricos que evidenciam os interesses pela dominação, subordinação e silenciamento dos corpos femininos.*

Na Baixa Idade Média a prostituição foi institucionalizada e implementada pelo Estado, por toda a Europa, vista como um remédio útil contra a turbulência da juventude proletária, reconhecida oficialmente como um serviço público.

No séc XVI essa situação se inverteu com a criminalização da prostituição num clima de intensa misoginia caracterizada pela Reforma Protestante e pela caça às bruxas.

Entre 1530 e 1560 bordéis foram fechados e as prostitutas severamente penalizadas: banimento, flagelação e outras formas cruéis de reprimendas como a “cadeira de imersão” onde as vítimas, atadas ou presas numa jaula eram repetidamente imersas em rios ou lagoas até quase se afogarem.

Vagabundas (mulheres sem terra) e prostitutas não estavam autorizadas a dormir nas ruas ou sob os pórticos. Se fossem pegas eram punidas com 100 chibatadas, banidas da cidade por 6 anos, além de terem cabeça e sobancelhas raspadas.

A exclusão das mulheres dos ofícios forneceu as bases necessárias para sua fixação no trabalho reprodutivo e para sua utilização como trabalho mal remunerado na indústria artesanal doméstica.

A caça às bruxas destruiu todo um universo de práticas femininas, de relações coletivas, e de sistemas de conhecimento que haviam sido a base do poder das mulheres na Europa pré-capitalista assim como a condição necessária para sua resistência na luta contra o feudalismo.

Uma das condições para o desenvolvimento capitalista foi o que Foucault chamou de disciplinamento do corpo, uma tentativa do Estado e da Igreja transformar as potencialidades dos indivíduos em força de trabalho.

*Na tentativa de formar um novo tipo de indivíduo a burguesia estabeleceu uma batalha contra o corpo que se converteu em sua marca histórica.*

As classes dominantes apontavam para uma transformação radical da pessoa, agindo de forma a erradicar no proletariado qualquer comportamento que não conduzisse à imposição de uma disciplina mais estrita ao trabalho.

“Proibiram-se os jogos, em particular aqueles que além de serem inúteis debilitavam o sentido de responsabilidade e a “ética do trabalho”. Fecharam-se tabernas e banhos públicos. Estabeleceram-se castigos para a nudez e outras formas “improdutivas” de sexualidade e sociabilidade. Era proibido beber, insultar e praguejar.”

Surge então, uma nova concepção, uma nova política sobre o corpo. O corpo sendo atacado como causa de todos os males. O corpo passou a ser moldado e dominado para a força de trabalho, como um meio, como uma máquina de produção.

A erradicação das práticas mágicas era uma condição necessária para a racionalização capitalista do trabalho dado que a magia aparecia como uma forma ilícita de poder e como instrumento para obter o desejado sem trabalhar.

“A magia mata a indústria”, lamentava Francis Bacon admitindo sua repulsa à suposição de que alguém pudesse conquistar algo sem o suor de sua própria testa.

O corpo vivificado numa concepção mágica atribuía ritmos e ciclos para as ações cotidianas. Nessa relação com o invisível, o tempo e a natureza das coisas, não havia espaço para submissão à disciplina do trabalho que despontava e impunha ao corpo, independente de como se encontrasse, a rotina e exigências do trabalho, passando por cima das necessidades mágicas, da relação com o corpo, onde antes habitava uma profunda relação com o cosmos e uma profunda observação e convivência com a natureza.

No período do séc XVII se buscou uniformidade ao comportamento social, pois a mera existência de crenças mágicas era uma fonte de insubordinação social.

As fogueiras nas quais as bruxas e outros praticantes morreram, as câmaras em que se executaram as torturas foram um laboratório onde se tomou forma e sentido a disciplina social, e onde muitos conhecimentos sobre o corpo foram adquiridos. Com as fogueiras se eliminaram superstições que faziam obstáculo à transformação do corpo individual e social em um conjunto de mecanismos previsíveis e controláveis.

“Foi aí onde nasceu o uso científico da tortura pois foram necessários o sangue e a tortura para “criar um animal” capaz de um comportamento regular, homogêneo e uniforme, marcado a fogo com o sinal das novas regras.”(Nietzsche, 1965, pp. 189-90).

A máquina estava se convertendo ao modelo de comportamento social. O caminho da racionalização científica estava confluindo com o disciplinamento do corpo social. Seu desenvolvimento teve como premissa a homogeneização do comportamento social e a construção de um indivíduo prototípico ao que se esperava que todos se ajustassem.

O desenvolvimento de uma teoria de autocontrole a partir da mecanização do corpo é o centro das atenções da filosofia cartesiana de Descartes. Sua doutrina intenciona negar que o comportamento humano possa ser influenciado por fatores externos/ambiente, busca a libertação da alma de qualquer condicionamento corporal, fazendo-a capaz de exercer uma soberania ilimitada sobre o corpo. No modelo cartesiano de corpo a mente é soberana, há apenas uma relação vigente, a relação entre senhor e escravo, onde a intenção da vontade é dominar o corpo e o mundo natural.

Com a instituição de uma relação hierárquica entre a mente e o corpo, Descartes desenvolveu as premissas teóricas da disciplina do trabalho requerida para o desenvolvimento da economia capitalista. *A supremacia da mente sobre o corpo implica que a vontade pode, em princípio, controlar as necessidades, as reações e os reflexos do corpo; que pode impor uma ordem regular sobre suas funções vitais e forçar o corpo a trabalhar de acordo com especificações externas, independente de seus desejos.*

*A supremacia da vontade permite a introjeção dos mecanismos de poder, por isso a contrapartida da mecanização do corpo é a razão como juiz inquisidor do corpo. As bases da disciplina pública estão arraigadas no coração do povo, pois na ausência de uma legislação interna, o povo se dirigiria à revolução (citado em Bowle, Jhon 1951, pp. 97-8).*

A mecanização do corpo, segundo Foucault, não apenas supôs a repressão dos desejos, das emoções e de outras formas de comportamento que tinham que ser erradicadas, mas também supôs o desenvolvimento de novas faculdades no indivíduo que se converteriam na alienação do corpo, num conflito entre mente e corpo que resultaria no autocontrole, autodisciplina do indivíduo na sociedade capitalista.

Foi estruturada uma batalha contra o estado natural do corpo, práticas de costumes começaram a aparecer no cotidiano como o uso de talheres, o desenvolvimento da vergonha com respeito à nudez, o surgimento dos bons modos, como se deveria rir, caminhar, bocejar, se comportar à mesa e quando se poderia brincar, cantar, jogar. O corpo passou a ser visto como um receptáculo de sujeira e de perigos ocultos.

Se intensifica então uma batalha contra o corpo, onde a necessidade seria experimentada apenas como carência e abstinência, que caracterizou os primórdios do sistema capitalista e que continua de certa forma até hoje.



Se olharmos para as ações realizadas entre o período da caça às bruxas e o incentivo à visão mecanicista, notaremos uma tentativa de racionalizar a natureza humana, cujos poderes tinham que ser subordinados e reconduzidos ao desenvolvimento e à formação da mão de obra.

Com o surgimento do movimento feminista foi reconhecido que centenas de milhares de mulheres não poderiam ter sido massacradas com a caça às bruxas se não tivessem representado uma ameaça às estruturas de poder. Essa guerra contra as mulheres, que durou pelo menos dois séculos, constituiu um ponto decisivo na história das mulheres na Europa, no processo de degradação social que sofreram com a chegada do capitalismo. Em menos de dois séculos, centenas de milhares de mulheres foram queimadas, enforcadas e torturadas.

A caça às bruxas precedeu a colonização e extermínio das populações do Novo Mundo. A acusação de adoração ao demônio foi levada pelos missionários como estratégia de dominação e subjugação das populações locais.

Aproximadamente 200 mil mulheres foram acusadas de bruxaria num período de três séculos, sendo que a menor parte delas foi assassinada. A caça às bruxas foi um elemento essencial da acumulação primitiva- processo violento de expropriação da produção familiar, artesanal, camponesa, que separou o produtor dos seus meios de produção e deu origem ao proletariado, à força de trabalho para ser comprada. A perseguição das mulheres aprofundou a separação entre homens e mulheres, inculcou nos homens o medo do poder das mulheres e destruiu um universo de práticas, crenças e sujeitos sociais cuja existência era incompatível com a disciplina do trabalho capitalista.

A caça às bruxas alcançou seu ápice entre 1580 e 1630, numa época que as relações feudais estavam dando lugar às instituições econômicas e políticas típicas do capitalismo mercantil. Os mecanismos de perseguição confirmam um processo detalhadamente organizado: *“Antes que os vizinhos se acusassem entre si, ou que comunidades inteiras fossem presas do pânico, teve lugar um firme doutrinamento no qual as autoridades expressaram publicamente sua preocupação com a propagação das bruxas e viajaram de aldeia em aldeia para ensinar as pessoas a reconhecê-las, em alguns casos levando consigo listas de mulheres suspeitas de serem bruxas e ameaçando castigar aqueles que as dessem abrigo ou lhes oferecessem ajuda.”*

Nessa investigação nunca poderemos ouvir o ponto de vista das vítimas, já que tudo o que restou de suas vozes foram relatos coletados pelos inquisidores obtidos durante a tortura.

A caça às bruxas também foi instrumento da construção de uma nova ordem patriarcal em que os corpos das mulheres, seu trabalho e seus poderes sexuais e reprodutivos foram colocados sob o domínio do Estado e transformados em recursos econômicos.

A bruxa não era só a parteira, a médica, a adivinha, a feiticeira do vilarejo, mas também a mulher que evitava a maternidade, a mendiga que a duras penas sobrevivia roubando um pouco de lenha ou de manteiga de seus vizinhos, era também a prostituta, a mulher libertina e adúltera, em geral a mulher que praticava sua sexualidade fora dos vínculos do casamento e da procriação. Era também a mulher rebelde que respondia, que discutia, insultava e não chorava sob tortura. Aqui a expressão rebelde descreve a personalidade feminina que havia se desenvolvido no contexto da luta do campesinato contra o poder

feudal, quando as mulheres atuaram à frente dos movimentos heréticos, apresentando um desafio crescente à autoridade masculina e à Igreja.

Com a perseguição da curandeira popular, as mulheres foram expropriadas de um saber empírico, relativo a ervas e remédios curativos, que haviam acumulado e transmitido de geração a geração. Uma perda que abriu caminho para uma nova forma de cercamento, o surgimento da medicina profissional privando as mulheres de suas práticas médicas.

A caça às bruxas foi uma guerra contra as mulheres, uma tentativa de degradá-las, de demonizá-las e destruir seu poder social. Foi nas câmaras de tortura e nas fogueiras onde se forjaram os ideais burgueses de feminilidade e domesticidade. Não só santificava a supremacia masculina, como também induzia os homens a temer as mulheres e até mesmo a vê-las como destruidoras do sexo masculino.

As descrições das bruxas lembram as mulheres tal como eram representadas nos autos de moralidade medievais e nos *fabliaux*: prontas para tomar a iniciativa, tão agressivas e vigorosas quanto os homens, vestindo roupas masculinas ou montando com orgulho nas costas dos seus maridos, segurando um chicote.

O Martelo das Bruxas- *Malleus maleficarum* ou *Der Hexenhammer*, livro escrito pelos monges dominicanos Heinrich Kramer e James Sprenger, foi considerado um dos livros mais misóginos de todos os tempos, com práticas e fundamentos para identificação e perseguição às feiticeiras. Segundo o livro as mulheres eram lindas de se ver mas contaminavam ao serem tocadas; elas atraem os homens, mas só para fragilizar-los; fazem de tudo para lhes satisfazer, mas o prazer que dão é mais amargo que a morte, pois seus vícios custam aos homens a perda de suas almas, e até de seus órgãos sexuais.

Essas bruxas que supostamente castravam os homens e os deixavam impotentes eram todas mulheres. Durante o momento do apogeu da caça às bruxas, dezenas de mulheres foram queimadas em poucos anos, ou até mesmo em poucas semanas. Nenhum homem podia sentir-se a salvo ou estar seguro de que não vivia com uma bruxa. As mulheres não só foram acusadas de tornar os homens impotentes, mas também sua sexualidade foi transformada num objeto de temor, uma força perigosa, demoníaca, pois se ensinava aos homens que uma bruxa poderia escravizá-los e acorrentá-los segundo sua vontade.

Apesar das tentativas individuais de maridos, filhos ou pais de tentarem salvar suas parentes mulheres da fogueira, não há registro, salvo uma exceção, de qualquer organização masculina que se opusesse à perseguição, o que sugere que a propaganda teve êxito em separar as mulheres dos homens. Os anos de propaganda e terror plantaram entre os homens sementes de uma profunda alienação psicológica em relação às mulheres, o que quebrou a solidariedade de classe e minou seu próprio poder coletivo. As classes dominantes instigavam os homens que foram expropriados, empobrecidos e criminalizados a culpar a bruxa castradora pela sua desgraça e a enxergar o poder que as mulheres tinham ganhado contra as autoridades como um poder que as mulheres poderiam utilizar contra eles.

Para as mulheres, os séculos XVI e XVII inauguraram uma era de repressão sexual. A censura e a repressão chegaram a definir sua relação com a sexualidade. Uma mulher ativa sexualmente era considerada um perigo público, pois a paixão sexual destruía não somente a autoridade dos homens sobre as mulheres, mas a capacidade de um homem governar a si mesmo. Para as mulheres não arruinarem moralmente, ou o que era mais importante, financeiramente os homens, a sexualidade feminina tinha que ser exorcizada. Isso se alcançava por meio da tortura, da morte na fogueira, assim como pelos interrogatórios meticulosos a que as bruxas foram submetidas, que era uma mistura de exorcismo sexual e estupro psicológico.

Durante a perseguição ao corpo, as mulheres eram interrogadas quanto às suas façanhas sexuais, sobre como haviam sido possuídas pelo demônio, o que sentiram e quais pensamentos impuros alimentavam. Essas perguntas eram feitas entre aplicações de *strappado*, uma forma de tortura pela qual as mãos da vítima eram amarradas nas costas, e então suspensas no ar, por meio de uma corda ligada aos pulsos, o que quase sempre causava deslocamento nos braços.

A caça às bruxas foi o primeiro passo para a transformação da sexualidade em lençóis limpos, onde a atividade sexual feminina se destinou ao trabalho a serviço dos homens e da procriação.

“ Os julgamentos por bruxaria fornecem uma lista das formas de sexualidade que estavam proibidas, uma vez que eram não produtivas: a homossexualidade, o sexo entre jovens e velhos, o sexo entre pessoas de classes diferentes, o coito anal, a nudez e as danças.”  
pág 350-351

A caça às bruxas e as acusações de adoração ao demônio foram justificativas para invasões, colonizações e tráfico de escravos perante os olhos do mundo, para romper com as resistências das populações locais.

O que acabou com a caça às bruxas, no final do século XVII, foi a aniquilação do mundo das bruxas, a imposição da disciplina social requerida pelo sistema capitalista e uma crescente sensação de segurança com relação ao poder pela classe dominante.

A mulher enquanto bruxa, sustenta Carolyn Merchant em *The Death of Nature* (1980), considera que a raiz da perseguição às bruxas encontra-se na mudança de paradigma provocada pela revolução científica e, em particular, no surgimento da filosofia mecanicista cartesiana. Segundo a autora, esta mudança substituiu uma visão orgânica do mundo, que via na natureza, nas mulheres e na terra, as mães protetoras, retirando qualquer restrição ética à sua exploração.

A mulher-enquanto-bruxa, foi perseguida como a encarnação do lado selvagem da natureza, de tudo aquilo que na natureza parecia desordenado, incontrolável e, portanto, antagônico ao projeto assumido pela nova ciência. Merchant defende que uma das provas da conexão entre a perseguição às bruxas e o surgimento da ciência moderna encontra-se no trabalho de Francis Bacon, considerado um dos pais do novo método científico. Seu conceito de investigação da natureza foi moldado a partir do interrogatório das bruxas sob tortura, do qual surgiu uma representação da natureza como uma mulher a ser conquistada, revelada e estuprada.” (Merchant, 1980, pp. 168-72)

## silêncio-escuta-voz-memória

Como narradora me instigam histórias que reúnam fragmentos, partes, palavras, imagens perdidas, histórias que refaçam destroçamentos, que ofereçam pistas para sustentações e caminhos. Histórias que disparam a voz contidas em objetos, numa tessitura pelo avesso da memória. Sempre me interessou o avesso emaranhado de minhas costuras, e as palavras que ficaram retidas nos escombros.

Escavando os escombros históricos da caça às bruxas, encontrei duas vozes arquetípicas que talvez possam ajudar no enfrentamento ao silenciamento e disciplinamento que a

cultura machista e misógina instalou nos corpos femininos. Sedna e Lilith me orientam através de suas vozes e me impactam na construção de uma narrativa que busca entendimento sobre a sustentação da voz transformadora superando o ressentimento que as dualidades podem gerar.

Na história de Sedna, uma pista para caminhar além do ressentimento com a violência e ir além do silenciamento que esta pode causar. Numa versão do conto da mitologia esquimó/inuit, Sedna se apresenta como uma mulher que vivia com seu pai. Desinteressada de todos os pretendentes da aldeia, Sedna se apaixona por um caçador misterioso. Casa-se com ele e descobre que ele não é quem dizia ser, mas o rei dos pássaros, que a rapta para o seu reinado.

Seu pai a visita, e vendo a imundície na qual o rei dos pássaros mantinha sua filha a leva de volta para casa. No meio do caminho, enquanto cruzam as águas, notando a ausência de sua esposa o rei dos pássaros segue furioso atrás de Sedna e lança uma tempestade para impedir sua fuga. O pai assustado, percebe que não há nada que possa fazer pela filha e a lança ao mar. Esta, segura no bote, na tentativa de seguir com o pai, e este, corta-lhe os dedos. Sedna afunda nas águas marinhas, seus dedos se transformam em focas, morsas, leões do mar e baleias. Quando seu corpo chega ao fundo do oceano, Sedna se torna a Deusa Rainha do Mar, responsável por toda a vida das águas salgadas. De tempos em tempos, esquecida pelo povo, a Deusa retém toda a vida do mar, levando fome aos humanos por ser esquecida. Os xamãs, sabendo da solidão e ressentimento de seu coração descem ao fundo do oceano, desemaranham, limpam e penteiam os longos fios, cabelos da Deusa, tecendo duas lindas tranças. Agradecida por ser lembrada e cuidada, Sedna consente com o fluxo da vida, e os animais voltam a amparar a fome dos humanos.

Nesse conto, reconheço um tempo para enlutar a dor aos efeitos da violência contra as mulheres, suas vozes e corpos. Sedna me lembra de olhar para os fios da história e desembaraçá-los, um a um para que a vida possa voltar a circular e nutrir.

Lilith surge nessa escrita dando às mãos à narrativa de Sedna, como resistência ao fazer da voz-ação que nutre os desejos e a potência feminina em sua continuidade. Representa aquela que não se submete, mesmo se for para ser rejeitada, entregue ao submundo. Deusa sumério-babilônica relegada ao papel de demônio na antiga religião judaica. Excluída da versão final da Bíblia, Lilith teria sido a primeira mulher de Adão, e não Eva. Segundo as lendas do folclore hebreu medieval, Adão tentou submeter Lilith a ficar abaixo dele durante o sexo, submissa, o que era inconcebível para Lilith, que dizia ter os mesmos direitos que Adão, afinal eram feitos do mesmo barro. Adão se recusava a permitir que ela se portasse como ele, argumentando que as regras não deviam ser mudadas. Cansada de lutar em vão por igualdade, Lilith rebelou-se contra a “superioridade” masculina de Adão. Amaldiçoou o parceiro e voou com seus poderes mágicos para o Mar Vermelho.

A rebeldia de Lilith a torna uma figura temida para todas as religiões e intenções patriarcais. De acordo com o Talmud, uma coletânea de textos sagrados do judaísmo rabínico de viés satírico, Lilith foi criada por Deus da mesma forma que Adão, exceto que em vez do barro, as mãos divinas usaram lodo e fezes para moldá-la, materiais que comprovam o teor misógino e machista da obra.

Diante da recusa de Lilith em voltar para o Jardim do Éden submissa à Adão, Jeová, Deus no antigo testamento, decidiu criar Eva para fazer companhia a Adão. Para fazê-la dócil e obediente, a tirou das costelas do primeiro homem.

Lilith se transforma numa serpente e retorna ao Éden, habitando a Árvore do Conhecimento. Tenta mostrar a Eva a importância da busca pela liberdade, e assim, Eva come o fruto e comete o chamado "pecado original".

Quando penso em sua força arquetípica reconheço um caminho de atenção aos corpos, potências e subjetividades que foram exterminados nas fogueiras da caça às bruxas. Lilith é a vontade, os saberes ocultos tornados visíveis, Lilith é uma resposta à misoginia, ao machismo e todo tipo de violência que intenciona submeter a mulher às condições do patriarcado. Lilith incorpora sua voz numa ação que nasce do desejo e das necessidades do corpo. Para chegar a Lilith, não seria possível evitar o ressentimento de Sedna, representada nessa escrita como força capturada pela violência e injustiça que relaciono com o genocídio da caça às bruxas, fenômeno onde os homens não puderam se organizar para salvar suas parentes, e assim, evitar o genocídio de centenas de milhares de mulheres na caça às bruxas.

Sedna e Lilith, juntas, me fortalecem a voz para lembrar das inventivas contra o corpo, contra o prazer, contra a língua e a potência da mulher para resistir e nutrir estratégias para a continuidade da voz. Me fazem lembrar sobre estar acompanhada de mulheres que abriram e abrem caminhos, para transformar o silenciamento em voz e ação sustentada no mundo.

Penso nas possíveis estratégias de ação para resistir aos silenciamentos que nos acometem, e encontro na narração um ponto de resistência e apoio para a sustentação e continuidade da voz. Nessa prática me deixo atravessar por histórias que devolvam partes perdidas. Busco vozes femininas e crio através de suas narrativas, junto a protagonistas fortes, que não cedam, nem se interrompam à nenhum tipo de ofensiva, imposição machista como "Entre a espada e a rosa", "A mulher tecelã", "A mulher ramada" e "Entre folhas do verde O" de Marina Colasanti, escritora, contista, jornalista e artista plástica ítalo-brasileira, dedicada à subjetividade da alma humana e ao espaço entre o fantástico e o real.

Entre Sedna e Lilith, uma trama de vozes reparadoras me guiam a reconhecer e desfazer violências.

Uma outra aliada para a voz é Virginia Woolf, escritora inglesa que narra a urgência de matar o anjo do lar como estratégia para a continuidade de sua escrita, seu processo criativo, sua subjetividade.

No livro Profissões para mulheres e outros artigos feministas, ela aponta que é mais difícil matar um fantasma do que uma realidade. Olhando para a história das mulheres, percebo o quanto nossas imagens são habitadas por fantasmas diversos e silenciosos, mas violentos e ainda operantes na construção da concepção que temos sobre nós e no consentimento à construção da voz pessoal submissa a restrições sobre o que pode uma mulher.

"O que é uma mulher? Juro que não sei. E duvido que vocês saibam. Duvido que alguém possa saber, enquanto ela não se expressar em todas as artes e profissões abertas às capacidades humanas."

A arte de narrar, à mim, se faz como exercício de ocupar o mundo, na capacidade de entrega e consentimento ao percurso, junto às camadas grossas e finas da história, na relação com o corpo, com a memória e com a necessidade daquilo que está vivo.

Esse exercício é sobre a capacidade de suportar o mergulho da investigação, capacidade de dizer o que pode ser dito, e escuta com o acontecimento possível.

Virgínia narra a si, escrevendo num estado de transe. Nos convoca a imaginá-la sentada, com uma caneta na mão passando horas imóvel, sem molhar a pena no tinteiro.

A imagem de alguém pescando em devaneios à beira de um rio profundo. A imaginação vagueando livre por todas as pedras e fendas do mundo submerso nas profundezas de nosso ser inconsciente.

Então, após se demorar na entrega de uma presença que observa o que pode surgir, acontece a experiência, uma linha que corre e conduz às funduras.

Eis que a escrita bate numa coisa dura, e a mulher se depara com a consciência do que diriam se ela escrevesse sobre suas paixões. Ela então desperta do estado de transe e não pode mais escrever.

## percursos-peles-pistas para contornos finais

Nesse relato me vejo perante a história do corpo, penetrado pela violência nas câmaras de tortura, nas imersões dos corpos das mulheres punidas ao quase afogamento público, aos instrumentos de contenção e construção da obediência. Como tatear o escuro, como fazer as pazes com um monstro cuja presença me escapa e vislumbro somente a cauda de escamas.

Como encontrar o gesto e zelar pela pele escrita do desejo, aquela parte oculta, sensível e incontrolável que pode se organizar através do movimento, da palavra, dos recursos poéticos que sustentam formas de dizer e revisitam a memória, como articular uma língua que ousa umidades com a linguagem, apesar das marcas deixadas pela história do silenciamento e ódio contra os corpos e fluídos das mulheres, apagamento de seus saberes, agressão à sua nudez, ao movimento dos seus cabelos, a presença dos seus pelos e a interrupção da relação com as naturezas?

A beleza e liberdade do que é selvagem restam num quarto fechado aguardando habitações e chaves adequadas à voz de todas as mulheres.

Restauro uma pele animal, lesada e separada da vida pelo capital. Matar o anjo do lar é retomar essa pele perdida, não no sentido da nostalgia, ou da reprodução do passado, mas uma pele selvagem, dotada de inteligência sensível, não domesticada, aquática, que não submete o corpo à captura e mecanização, uma pele que resiste à higienização de seus saberes.

Essa pesquisa com as narrativas de apagamento do corpo, surge como uma tentativa de resistência ao silenciamento das experiências, tentativa de um corpo como caminho.

Sobre tornar vozes ocultas visíveis e audíveis, sobre a elaboração de uma corporalidade que se faz em gestos que se friccionam com o cotidiano, com a vida deslocada ao recurso de narrar e ocupar uma experiência que constrói ambientes para o dizer.

Nessa pesquisa, busco dar nascimento à uma voz narradora que chega, alcança, encontra sua comunidade, enfrentando fantasmas e transformando rochas em estruturas e encorajamento.

Para isso olho para o passado, reconheço engenhocas de tortura que forjaram a obediência no corpo, e penso numa engenhoca oposta ao “*scold’s bridle*”, rédea ou freio das rabugentas, também chamado de “*branks*”, engenhoca sádica de metal e couro que rasgaria a língua da mulher se ela tentasse falar. Uma estrutura de ferro que circundava a cabeça, um bridão de cerca de cinco centímetros de comprimento e dois centímetros e meio de largura projetado para dentro da boca e voltado para baixo sobre a língua; muitas vezes salpicado de pontas afiadas, de modo que se a infratora mexesse a língua, aquilo causaria dor e faria com que fosse impossível falar, uma engenhoca que oferecesse voo e pouso seguro para a voz e parceria entre mulheres. Penso num espaço para o exercício do encontro entre as *gossips*, termo que durante a Idade Média remetia à amizade e lealdade entre mulheres, transformado em conversa fútil, fala perversa, o oposto da solidariedade que a amizade entre mulheres implica e produz. Penso numa prática com a palavra, uma estratégia para resistir às degradações que ainda insistem em nos imputar.

Para esta escrita se incorporar conto histórias para desfazer meus silenciamentos e assim me aproximar do desejo, conto histórias para exercitar respiração e recursos para a continuidade de uma voz que é corpo, memórias visíveis e invisíveis, uma voz feita de escuros ao encontro e ao sensível de um caminho poético.

Me interessa a firmeza e a delicadeza da palavra que se pode tatear do invisível e oculto do corpo. Minha pesquisa é sobre voar e pousar com a palavra-corpo que não se deixa capturar.

Minha intenção é organizar ciclos de 7 em 7 histórias, para apoiar, fortalecer e inspirar mulheres. Amparada por Sedna, Marina Colasanti, Lilith e um espaço para narrar as memórias de vida, fragmentos do avesso ao espaço do encontro.

Essa escrita é um compromisso com a continuidade, minha hipótese é que ao levar luz para um recorte sombrio e violento da história da humanidade, ao reconhecer como a misoginia surgiu e forjou os corpos, eu possa dar visibilidade a narrativas que reparem a voz perdida nos escombros do capital.

## Bibliografia

A criação do Patriarcado/ História da opressão das mulheres pelos homens- Gerda Lerner

Mulheres e a caça às bruxas- Silvia Federici

Calibã e a bruxa/ Mulheres Corpo e Acumulação Primitiva- Silvia Federici

O livro de Lilith/ Resgate do Lado Sombrio do Feminino Universal- Barbara Black Koltuv,  
Ph. D.

Profissões para mulheres e outros artigos feministas- Virginia Woolf

<https://www.mitografias.com.br/2016/01/sobre-a-mitologia-esquimo-e-sedna/>